

colonização, e é neste contexto que se pode compreender a construção da imagem do bandeirante.

Nos meios acadêmicos a figura de Taunay é imediatamente ligada à construção do mito do bandeirante, assim como o próprio Museu Paulista tornou-se para muitos um templo consagrado ao bandeirismo. Tal acusação não é exatamente falsa. Contudo, seria uma grande injustiça para com Taunay - e por extensão, para "seu" museu - reduzir sua atuação historiográfica aos estudos bandeiristas. Embora seu território preferencial fosse a história paulista, a preocupação de Taunay não se limitou ao bandeirismo e sua época. Ao contrário, esmerou-se em cobrir a máxima extensão cronológica e temática possível, perseguindo o ideal da "história geral", tão caro ao historicismo. Taunay aproxima-se pouco a pouco do sertanismo: será apenas em 1922 que publicará seu primeiro estudo voltado para o bandeirismo, chamado "Um grande bandeirante: Bartolomeu Paes de Abreu", fruto, sem dúvida, de muitos meses (anos?) de pesquisas preparatórias.

Um pouco antes, porém, no fim de 1919, já se podia notar seu interesse pelo sertanismo - transformado em trabalho de pesquisa, esforço e tempo - , quando esboça sua proposta de decoração do panteão para as festas do centenário da Independência, sugerindo a confecção de seis estátuas de mármore representando grandes bandeirantes. De qualquer forma, entre 1919 e 1922 algo realmente aconteceu, pois se na proposta inicial da decoração festiva a predominância era dos temas emancipacionistas - guerra dos mascates, revolta de Beckman, e expulsão dos holandeses, Felipe dos Santos etc. - a decoração efetivamente levada a cabo fazia uma declarada elegia ao bandeirismo. As seis estátuas iniciais - que seriam na verdade de bronze, e não de mármore - vieram se juntar duas monumentais estátuas de mármore representando Antônio Raposo Tavares e Fernão Dias Paes, os quais em grandiosidade e imponência superaram - em muito - a estátua-mor de todo o conjunto: D. Pedro I, o autor do "grito". E mais os grandes painéis pintados com cenas de caça ao índio, busca do ouro, criação de gado e conquista da Amazônia considerados por Taunay como "ciclos do bandeirismo". O cosmopolita Taunay rendia-se, então, ao sertão.

É verdade que este interesse difuso não foi suficiente para notabilizá-lo como especialista em assuntos baianos e cariocas. Sua imagem foi, sempre, a de historiador das bandeiras. A resposta, sem dúvida, está na ressonância social que o tema das bandeiras teve na São Paulo do início do século, ressonância esta estimulada e de certa forma controlada pelas autoridades públicas de plantão e suas ramificações institucionais (imprensa, rede escolar, editoras etc.). A defesa dos ideais paulistas passava, então, pela apologia de seu passado e pela glorificação de seus heróis regionais, símbolos da unidade e das virtudes dos habitantes da terra. Ao lado de João Ramalho, Tibiriçá, Anchieta e Amador Bueno (heróis paulistanos), dos Gusmões e dos Andradas (heróis litorâneos), os bandeirantes surgiram como personagens realmente nacionais, pois conquistaram, povoaram e civilizaram vastas áreas do país (notadamente, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) e intervieram nos destinos de outras áreas (as possessões hispânicas do Prata, os quilombos nordestinos, a Amazônia).

Os rudes bandeirantes, cercados de barro, índios, matas e cursos d'água, percorrendo incontáveis léguas para sempre voltarem ao planalto piratiningano, representavam bastante bem a idéia de heróis genuinamente regionais. Foram, contudo, diversamente considerados: ora como símbolos de barbárie, ora como dotados de bravura e coragem sem igual; ora como rebeldes sem lei, ora como visionários que forjaram com suas vidas o grande império brasileiro. Porém, na época de Taunay a conjuntura mostrava-se francamente propícia ao discurso laudatório. O próprio Capistrano de Abreu teria destacado o século XVII como o "grande século dos paulistas".

Assim, Taunay não descuidou dos bandeirantes também enquanto museógrafo: vimos como no memorial os sertanistas aparecem com destaque, notadamente as colossais estátuas de Raposo Tavares e Fernão Dias. Além disso, na Seção de História propriamente dita Taunay dilui a questão bandeirante numa história paulista mais geral. As bandeiras devem ter-lhe parecido um tema original, pouco explorado cientificamente (tal qual lhe indicou Capistrano) e portanto ideal para ser estudado por um historiador filiado ao positivismo e explorado em seu potencial simbólico. Por outro lado, a demanda paulista por heróis - notadamente a demanda oficial - daria um matiz especial aos estudos de Taunay e a suas realizações no Museu Paulista.

Armorial

PAULO BOMFIM*



Vaso comemorativo do IV Centenário da Fundação de São Paulo, com figura de bandeirante

Aos meus antepassados que ainda não regressaram do sertão, estes três séculos de espera.

III

*Insônias de rubi, olhos de brasa
Cravados em memórias seculares;
Febres antigas matam-me de novo,
Às portas de um sertão desconhecido.*

*Arraiais de inquietude em meu tormento,
Veneno das angústias mal curadas:
Que floresta de abismos me devora
Na noite que antecede solidões?*

*Desertos e povoados que hoje estranho,
Ó selva bruta, ó pântanos de asfalto
Encobrendo vestígios do meu passo ...*

*Que este gibão de dores me proteja,
Quando as flechas da noite me alcançarem,
E as estrelas surgirem de meu sangue.*

VI

*As vidas que perdi, ninguém devolve,
Nem os ventos que sabem suas mortes,
Nem a Mãe-d'Água que fechou meus olhos,
Poderão devolver o que perdi.*

*A febre do sertão guarda meu grito,
A seta envenenada minha dor,
Os rios têm meu sangue em suas veias,
Talismãs transformaram minhas almas.*

*As vidas que perdi, ninguém devolve,
São farrapos de nuvens, são serpentes,
São peixes devorando a lua cheia.*

*Só a febre que sinto rememora,
E me fala de passos esquecidos
Nas léguas que apodrecem com meus corpos.*

IX

*Em minhas mãos, os dias e os diamantes
Rolaram pelas furnas do passado.
A chuva hoje me fala de outras chuvas,
E águas antigas molham-me por dentro.*

*Ouro dos dias limpos e lavados:
Que bateia colheu os teus minutos,
Que ganga rude disfarçou teu brilho,
Na lama seiscentista dos caminhos!*

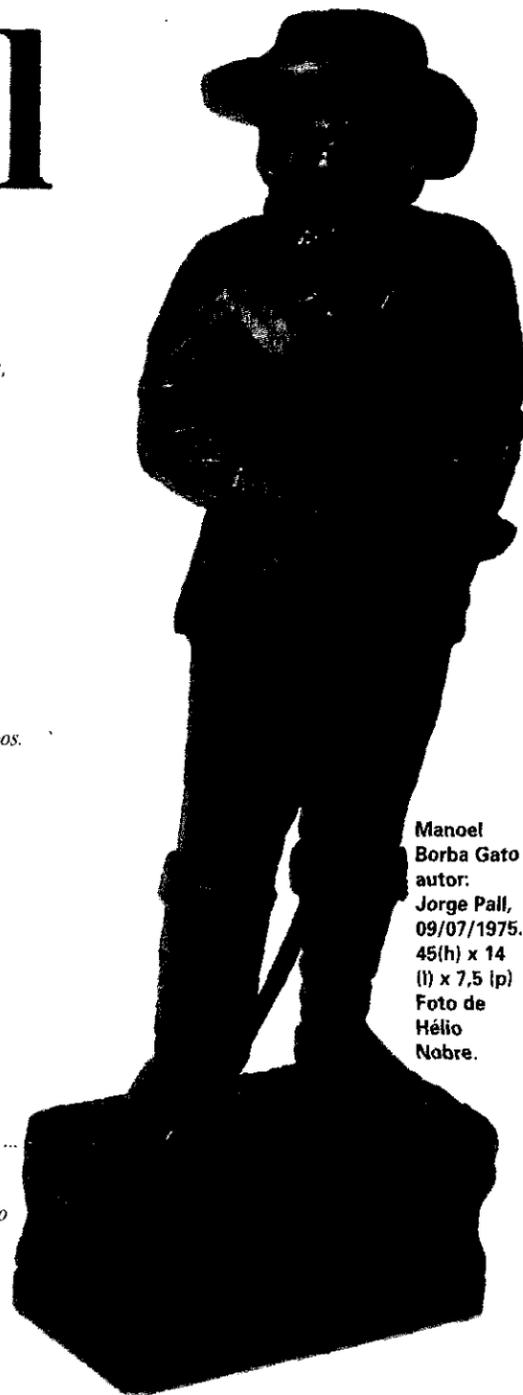
*Ó tempo sepultado à flor da terra,
Jazida do que fomos mal despertos
De um sono, onde meus sonhos são cristais ...*

*Que estas águas despertem-me de novo
E eu tenha em minhas mãos o ouro perdido
E as chaves de diamante dos sertões.*

X

*Ó pousos, ó cansaços, ó jornadas,
Parnaibas de amor que não regressam;
Candeias inflamando o breu da noite,
Cerrações, retentivas de partidas.*

*Tietês correndo fundo na saudade,
Rostos submersos, águas sertanistas,*



Manoel Borba Gato autor: Jorge Pall, 09/07/1975. 45(h) x 14 (l) x 7,5 (p) Foto de Hélio Nobre.

*Canção de remos no arraial de espumas,
Proas alimentadas de paisagem.*

*Ó pousos não pousados duas vezes,
Ó serras, ó martírios não falados,
Ó melros decepados em vitórias...*

*Longo é o sono da terra adormecida:
Imersos em nós mesmos contemplemos,
Leões brasonados perseguindo espanhas.*

XIV

*Nordestes holandeses que procuro
Nas casas-grandes que hoje trago na alma,
Socorros mameluços desfilando
Em calçadas de seda e porcelana.*

*Ruivos combates, retiradas brancas,
Sangue perdido sobre canaviais,
Calções de couro entre chapéus de pluma,
Saudades altiplanas em recifes.*

*Nordestes do meu sul irremediável;
Senhor de dois mil arcos fui ourora,
Socorrendo as olindas senhoriais ...*

*Hoje sou só. Trezentos desenganos
Cobriram de ferrugem meus guerreiros.
E empurraram sobrados sobre mim.*

XX

*Se a treva amanheceu em madrugada,
Remoremos hoje os dias mortos,
Sentindo que o planalto é a realidade
Do sangue, mar antigo em nossa frente.*

*Que às portas dos sertões depositemos
Espadas e cocares emplumados,
Para que os mortos que já fomos, voltem
Do fundo de três séculos noturnos.*

*Quebrado o sortilégio da floresta,
Os que partiram na manhã nublada
- O que de nós ficou sem regressar -*

*Serão em nosso mundo de vivências,
A intuição reencontrada no mistério,
A voz do rio na mudez do mar.*



Retirada do Cabo de São Roque óleo sobre tela de Henrique Bernardelli 297 x 185 cm. Foto de Hélio Nobre.

* MARIA JOSÉ ELIAS é Professora Doutora aposentada do Museu Paulista da USP

* PAULO BOMFIM é Poeta. Poemas retirados de seu livro: 50 anos de poesia/Paulo Bomfim. - São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 1998.